

LITERATURA INFANTO JUVENIL – ADAPTAÇÃO DE *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS* DE MACHADO DE ASSIS

Priscila Pereira*
Nádia Aparecida Marquini Lombardo*
Sebastião Faustino Ventura*
Cristiane Regina Corsini*
Sônia Maria Dornellas Morelli**

PEREIRA, P.; LOMBARDO, N. A. M.; VENTURA, S. F.; CORSINI, C. R.; MORELLI, S. M. D. Literatura Infanto-Juvenil: Adaptação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis. **EDUCERE** - Revista da Educação, v. 5, n. 2, p. 103-110, jul./dez., 2005

RESUMO: Este trabalho visa a analisar a obra clássica *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis e confrontá-la com a sua adaptação feita por José Louzeiro. Para subsídio teórico deste estudo, foram analisados o papel da escola na formação do leitor crítico e a presença da Cultura de massa e da Indústria Cultural. A partir do confronto, puderam-se perceber os ganhos e as perdas quando se substitui a obra clássica pela adaptada. Ao deixar de ler a obra clássica, o leitor perde em conhecer a estrutura formática, a linguagem, vocabulário e as expressões da época usadas por Machado de Assis. Por outro lado, conhece o mesmo enredo da obra clássica. Podemos observar, por exemplo, que a figura da mulher é vista da mesma maneira nas duas obras. A partir do confronto entre as obras e os estudos teóricos detectamos como a Indústria Cultural se faz presente levando os clássicos até os nossos jovens. Por isso, é importante a formação contínua do professor no que diz respeito à leitura crítica, aos conhecimentos de obras nas bibliotecas de escolas de ensino fundamental e aos textos que contribuem para a formação de um leitor mais hábil.

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação. Indústria cultural. Formação do professor

CHILD-JUVENILE LITERATURE - ADAPTATION OF *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS* BY MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT: This work aims at analyzing the classic of Machado de Assis

* Graduanda - UNIPAR - Universidade Paranaense - priscilinha_p18@hotmail.com;
nadika@bol.com.br; venturasenior@hotmail.com; criscorsini@hotmail.com

**** Professora Ms. - UNIPAR - Universidade Paranaense - sonia@unipar.br

Endereço para correspondência: Sônia Maria Dornellas Morelli - UNIVERSIDADE PARANAENSE - CAMPUS CIANORTE - Av. Brasil, 1123, Zona 02, CEP. 87200-000, Cianorte / PR, Fone: (44) 3619-3000

“Memórias Póstumas de Brás Cubas” and confronting it to its adaptation made by José Louzeiro. For theoretical subsidy of this study the school role in the critical reader formation and the presence of the Culture of mass and the Cultural Industry have been analyzed. From the confrontation the gains and losses can be noticed when the classic book is replaced by the adapted one. Upon leaving the classic book, the reader misses the form structure, the language, vocabulary and expressions of the time Assis used. On the other hand, we know the same plot of the two works. From the confrontation between the theoretical workmanship and studies we detect how the Cultural Industry makes itself present leading the classics until our young people. So, the continuous teacher formation is important to the critical reading, to the knowledge of workmanships in elementary education schools libraries and the texts that contribute to the more skillful reader formation.

KEY WORDS: Adaptation. Cultural industry. Teacher formation

LITERATURA INFANTO- JUVENIL - ADAPTAÇÃO DE “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS” DE MACHADO DE ASSIS

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo estudiar el clásico “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis y confrontarla con su adaptación hecha por Jose Louzeiro. Para subsidio teórico de este estudio fueron estudiados el papel de la escuela en la formación del lector crítico y la presencia de la Cultura de Masa y de la Industria Cultural. De esta confrontación se puede percibir los beneficios y las pérdidas cuando se sustituye el clásico por la adaptación. Al dejar de leer la obra clásica, el lector pierde en conocer la estructura de forma, de lenguaje, vocabulário y expresión de la época que Assis usó. Por otro lado, conoce el mismo enredo de la obra clásica. Podemos observar, por ejemplo, que la figura de la mujer es vista de la misma forma en las dos obras. A partir de la confrontación entre las obras y los estudios teóricos, detectamos como la Industria Cultural se hace presente llevando los clásicos hasta nuestros jóvenes. Por ello es importante la formación continuada del profesor en relación a la lectura crítica, a los conocimientos de obras en las bibliotecas de escuelas de educación básica y a los textos que contribuyen para la formación de un lector experto.

PALABRAS CLAVE: Adaptación. Industria cultural. Formación del profesor

1. Introdução

Na contemporaneidade, as obras clássicas vêm sofrendo adaptações

e não há estudos científicos mostrando as vantagens e desvantagens dessa postura.

Para identificar os ganhos e as perdas ao ler a adaptação em vez da obra clássica, foram feitos estudos sobre a identidade na Modernidade, o papel da escola na formação do leitor crítico e a presença da cultura de massa e da Indústria Cultural.

Certas práticas sociais podem influenciar um indivíduo, fazendo com que este mude seus conceitos e, conseqüentemente, altere a sua identidade pessoal. Como afirma Hall (1999, p. 13): “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Isso ocorre devido às mudanças constantes na contemporaneidade: o sujeito pós-moderno possui várias identidades.

O mesmo autor cita cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridas no pensamento, no período da modernidade tardia. A primeira descentração importante refere-se à tradição do pensamento marxista. O segundo dos grandes ‘descentramentos’ no pensamento ocidental do século XX vem da descoberta do inconsciente por Freud. O terceiro está associado ao trabalho do lingüista Saussure, que afirma que a língua é um sistema social e não um sistema individual. A quarta ocorre no trabalho do filósofo e historiador francês Michel Foucault, que destaca o poder disciplinar que consiste em manter as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo, assim como sua saúde física e moral, sob o estrito controle e disciplina. E o quinto descentramento que os proponentes dessa posição citam é o impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social.

A leitura literária é uma prática social capaz de descentralizar a identidade pessoal do leitor. Ao conhecer e analisar as características dos personagens, o cenário, o local, a época, os costumes e todo enredo é possível que o leitor estabeleça “elos com as manifestações sócio-culturais que lhe são distantes no tempo e no espaço” (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 9). A identidade do jovem leitor pode ser alterada através desses conhecimentos adquiridos pela leitura, influenciando seu caráter, seus conceitos e a sua personalidade.

Quanto à postura do professor, é de grande importância o conhecimento crítico, tanto da obra clássica quanto da adaptada, como parte de sua formação contínua, pois ele é o intermediário entre a obra e o aluno leitor.

Bernardo (2005) afirma: “É preciso também que o professor goste de ler, que leia muito e fale sempre com os seus alunos sobre o que está lendo. Do infinito número de métodos de educação que nos assolam, o mais eficiente de todos é o mais antigo: trata-se do velho método do exemplo”.

É necessário, também, que ele conheça as obras disponíveis nas bibliotecas de escolas onde esteja atuando. Além disso, deve estar sempre em contato com textos que contribuam para a formação de um leitor mais crítico e mais hábil.

Bordini e Aguiar (1993, p. 17) esclarecem que para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura da obra literária, deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada na área da literatura com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a leitura, e, sobretudo, uma interação democrática entre alunado e professor.

Bernardo (2005) dá idéias de como incentivar o aluno a interessar-se mais por literatura:

Se possível, ainda, devem-se estimular eventos de leitura, julgamentos simulados de personagens, conversas com escritores, conversas com outros leitores, feiras do livro, festivais de leitura – as idéias são muitas para quem quer fazer justiça ao trabalho com a invenção da literatura [...], devem-se evitar provas de leitura, com perguntas pontuais sobre as cenas – ou, em havendo provas, que elas admitam consulta ampla, geral e irrestrita aos livros, com questões que provoquem reflexão, portanto, que não exijam simples memorização.

Por isso este trabalho visa a analisar a obra clássica *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis e confrontá-la com a sua adaptação feita por José Louzeiro.

2. Desenvolvimento

Como este trabalho se propõe a um confronto, eis algumas informações sobre as obras. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis foi publicada em 1881 e inaugurou o Realismo Brasileiro.

A adaptação feita por José Louzeiro é da Editora Scipione e faz parte da Série Reencontro. Apresenta, logo na capa, a imagem do protagonista da história, Brás Cubas, o “defunto-autor”, em um caixão, com um olho aberto e outro fechado, flores brancas e coloridas ao seu redor. A obra possui oitenta e sete páginas e apresenta sumário, uma nota do autor dizendo que adaptar um clássico é “antes de tudo, um gesto de admiração pelo escritor, uma tentativa de divulgá-lo para jovens leitores” (p. 5). Afirma ainda: “As maiores dificuldades surgiram nos momentos das necessárias elisões, em função de ter de selecionar os elementos romanescos e, também, da atualização de certas palavras e até de

expressões inteiras” (p. 5).

A seguir, há um pequeno texto intitulado *Quem foi Machado de Assis*.E, após, é iniciado o enredo com uma nota *Ao leitor*. Esta nota também se encontra na obra clássica. Apresenta linguagem acessível e ilustrações de Rogério Borges que correspondem à história.

A adaptação contém cinquenta e sete capítulos. A clássica, cento e sessenta curtos capítulos. Na adaptação, eles são menores ainda. Alguns títulos dos capítulos são iguais nas duas obras como: *Óbito do autor, O emplasto, Genealogia, A idéia fixa, Naquele dia, O menino é pai do homem*.

Já outros, são apresentados na adaptação com linguagem mais facilitada como *O bacharel* no lugar de *Bacharelo-me, Marquesa, marquês* em vez de *Marquesa, porque serei marquês, Cinquenta anos* substituindo *Oblivion*. No final da obra, há uma pequena biografia do adaptador José Louzeiro.

Na verdade, um dos motivos que leva o profissional de educação a adotar a obra adaptada no lugar da clássica é por ela possuir uma linguagem mais fácil para o entendimento, estudo, tornando-se mais acessível para o aluno.

Vejam os mesmos trechos nas duas obras. Na clássica de Machado de Assis: “Entre apressado; achei Virgília ansiosa, mau humor, fronte nublada” (p. 68). Na adaptação de José Louzeiro: “Entre apressado na casa do conselheiro. Encontrei Virgília ansiosa e de mau humor” (p. 45).

Para Albergaria (2000, p. 47):

A velha prática pedagógica de partir do mais fácil para o mais complexo, através dos textos apresentados ao aluno é também aplicável na abordagem da literatura. Aos poucos, o leitor irá se familiarizando com as principais estratégias escolhidas pelo autor no tratamento de seu texto.

Outra razão que leva o professor a utilizar a adaptação é por ela possuir o mesmo enredo que a clássica. Podemos observar que a figura da mulher é vista da mesma maneira nas duas obras. As personagens, amores da juventude do protagonista, são: Marcela, uma prostituta de luxo, sedutora, elegante, corpo esbelto, que aparece depois de certo tempo em grande decadência física, “uma velhice precoce destruíram-lhe a flor das graças” (p. 65); Virgília, que visita o ex-amante Brás Cubas no seu leito de morte, exerce papéis alternados, ora como mulher-sujeito ora como mulher-objeto, as vezes hipócrita, outras vezes frágil, “era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno[...]. Era isto Virgília e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril cheia de uns ímpetus misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, ou talvez medo.” (p. 56); Eugênia, coxa, chamada de “flor da moita” pelo narrador-protagonista,

por ser fruto de encontros amorosos dos pais que se mantinham encontros secretos atrás de uma moita, “O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa. Este contraste faria suspeitar que a natureza é, às vezes, um imenso escárnio” (p. 61); Dona Eulália, a Nhã-Loló, que é vista pelo narrador como “terna, luminosa, angélica” (p. 134), mas como todos as mulheres apresentadas, possui um final trágico, morre aos dezenove anos “por ocasião da primeira entrada da febre amarela” (p. 138). O narrador-protagonista revela que Dona Eulália não despertava grandes sentimentos nele: “Não digo mais nada, a não ser que acompanhei até o último jazigo, e me despedi triste, mas sem lágrimas. Concluí que talvez não a amasse de veras [...]. Doeu-me um pouco a cegueira da epidemia que matando à direita e à esquerda, levou também uma jovem dama, que tinha de ser minha mulher” (p. 138).

Segundo Magron e Barreto (2003, p. 223) :

Tomando por parâmetro as personagens analisadas, percebe-se que o feminino, no Realismo, é apresentado como um ser falso e dissimulado, que se prostitui para obter vantagens, sem qualquer sentimento de culpa, que se envergonha de suas raízes, que é destituída de virtudes e valores morais, indigna de receber o amor sincero, fadada a viver seus dias na infelicidade e, quando fora dos padrões de beleza exigidos, considerada desnecessária a existência. Teria como único objetivo a ascensão social, para o que não mede esforços, refletindo uma visão materialista e determinista do mundo.

No confronto, verificamos que as características realistas também estão presentes na adaptação. O amor: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de reis nada menos” (p. 28). O negativismo: “- Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (p. 86). A ironia do defunto-autor: “Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é , se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte”(p. 9). O pessimismo: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (p. 86).

Por outro lado, o leitor que opta pela adaptação, perde em conhecer as expressões de época, a linguagem, o vocabulário e a estrutura formática usadas por Machado de Assis. Exemplos de expressões que se perderam na adaptação são: “Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava...” (p. 19) e “... fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas honradas patacas, até que morreu deixando grosso cabedal a um filho...” (p. 19).

Porém o leitor da adaptação não tem grande prejuízo. Afirmam Bordini e Aguiar (1993, p. 10):

A ampliação do conhecimento que daí decorre permite-lhe compreender melhor o presente e seu papel como sujeito histórico. O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens.

3. Considerações finais

A partir deste confronto, pôde-se detectar como a Indústria Cultural se faz presente, levando os clássicos até os nossos jovens.

Acompanha a obra adaptada a um roteiro de atividades elaborado por Edgar Castro: *Alguns elementos da estrutura da narrativa, Algumas personagens significativas, Alguns aspectos do Humanitismo*, perguntas e respostas prontas que auxiliam na interpretação do enredo e na análise dos personagens. E, ainda, um *Roteiro do professor*, com o resumo da obra e *Sugestões didáticas*.

Se por um lado estes roteiros facilitam a vida do professor, é bom lembrar que também limitam o debate que poderá advir da discussão com os alunos sobre a obra. Portanto, devem servir apenas como norteadores e não formadores de opinião. Mas tudo isso pode facilitar o entendimento do enredo e seduzir o jovem leitor.

É preciso analisar, também, que as editoras vêm neste filão (as adaptações de obras solicitadas) uma oportunidade lucrativa. É aí que podemos dizer que a Indústria Cultural começa a trilhar via literatura.

Eco denuncia (1979, p. 49-50): “A cultura de massa é um fato industrial e, como tal, sofre muitos dos condicionamentos típicos de qualquer atividade Industrial. A fabricação de livros tornou-se um fato Industrial, submetido a todas as regras da produção e do consumo.”

Independente de ser obra clássica ou adaptada, a literatura não só aborda discute conceitos científicos, históricos, econômicos, sociológicos, mas ainda tem muito a dizer sobre eles.

Embora a adaptação elimine elementos que podem contribuir para a formação da identidade do jovem leitor, ela faz com que estes conheçam Machado de Assis, autor de dois séculos passados.

4. Referências

ALBERGARIA, L. de. Literatura e escola. **Presença pedagógica**, Belo Horizonte, v. 6, n. 36, p. 41-47, nov./dez, 2000.

ASSIS, M. de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Scipione, 1998.

BERNARDO, G. **A qualidade da invenção**. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/editor46.htm>. Acesso em: 06 set. 2005.

BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. de. **Literatura**: a formação do leitor. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MAGRON, N. G.; BARRETO, S. L. M. O feminino sob a ótica machadiana em Memórias póstumas de Brás Cubas. **Akrópolis**: Revistas de Ciências Humanas da UNIPAR, Umuarama, v. 11, n.3, jul./set. 2003.

Recebimento em: 08/06/2005

Aceito em: 04/10/2005